

HORA DO CONTO NA BIBLIOTECA ESCOLAR DO COLÉGIO DE APLICAÇÃO DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA-PR

STORY TIME AT THE SCHOOL LIBRARY OF THE PEDAGOGY APPLICATION SCHOOL OF THE STATE UNIVERSITY FROM LONDRINA-PR

HORA DEL CUENTO EN LA BIBLIOTECA ESCOLAR DEL COLEGIO DE APLICACIÓN DE LA UNIVERSIDAD ESTATAL DE LONDRINA-PR

Heloísa Mascarenhas Gomes¹
Rovilson José da Silva²

Resumo: O trabalho objetivou compreender a importância da Hora do Conto na biblioteca escolar para a formação do leitor, utilizando a abordagem qualitativa e a intervenção numa turma de 4º ano. Conclui-se que a Hora do Conto é capaz de gerar envolvimento, exercício da oralidade e o desejo pela literatura.

Palavras-chave: Hora do conto; formação do leitor; biblioteca escolar.

Abstract: The study aimed to understand the importance of the Story Time in the school library for the formation of the reader, using a qualitative approach and intervention in a 4th grade class. It is concluded that Story time is capable of generating involvement, the exercise of orality and the desire for literature.

Keywords: Story time; reader's formation; school library.

Resumen: El estudio tuvo como objetivo comprender la importancia la Hora del Cuento en la biblioteca escolar para la formación del lector, por lo que se utilizó el enfoque cualitativo, intervención en una clase de 4º año de primaria. Se concluye que la Hora del Cuento es capaz de generar implicación, el ejercicio de la oralidad y el deseo por la literatura.

Palabras clave: Hora del cuento; formación de lo lector; biblioteca escolar.

Introdução

Desde muito pequena tivemos o privilégio de ter contato com os livros de diversos gêneros: religioso, científico, infantil. Esse contato com as inúmeras possibilidades de leitura instigaram a inserção da leitura em nossa vida desde cedo, como algo recreativo, esses momentos de lazer potencializaram a rotina de estudos escolar.

Nos Anos Finais do Ensino Fundamental, a biblioteca estava à disposição dos alunos, sem restrições. Os livros ampliaram o acesso a conhecer possibilidades de coisas que nem a escola, nem a família permitiam. A partir disso, passamos a compreender o conhecimento como sinônimo de liberdade, o que nos fez sonhar ainda mais com um mundo melhor por meio da educação.

Nesse contexto, além do cunho particular de apreciação da leitura, o tema desta pesquisa surgiu pela elaboração de um projeto para Hora do Conto, executado por meio do Programa Residência Pedagógica em comunhão com o Trabalho de Conclusão de Curso de Pedagogia, na Universidade de Londrina (UEL).

¹ Universidade Estadual de Londrina.

² Universidade Estadual de Londrina.

Assim, a investigação objetivou analisar e compreender a importância da Hora do Conto como atividade pedagógica junto à biblioteca escolar para a formação de leitores no ensino fundamental, em especial, os alunos do 4º ano Ensino Fundamental I.

Este texto está subdividido em três seções: a primeira seção trata do ato de ler e leitura, além de apresentar a Hora do Conto e a biblioteca como um dos instrumentos pedagógicos no âmbito escolar para estimular a formação de leitores.

Na segunda seção, metodologia e pesquisa, apresentam-se os principais aspectos da coleta de dados da pesquisa, que se baseiam em pesquisa de abordagem qualitativa, método misto composto de base documental, pesquisa bibliográfica, observação, banco de imagens, e intervenção no campo pedagógico. Quanto à caracterização do campo: escola e biblioteca, caracterização da turma e a seleção das obras literárias usadas para a constituição do projeto Hora do Conto.

Com a terceira seção, Intervenções na Hora do Conto na Biblioteca do Colégio Aplicação, busca-se explanar as atividades realizadas por meio da fundamentação teórica, partindo da organização espacial para aplicação do projeto, a organização das intervenções, o plano de aula, o desenvolvimento da Hora do conto e seus desdobramentos.

O ato de ler

Tanto a leitura quanto a escrita têm papéis fundamentais na inserção do ser humano em sociedade no século XXI, visto que nos deparamos com sinalizações, placas, *outdoors*, gráficos, receitas, instruções, enfim, inúmeras formas de comunicação verbais e não verbais, tanto no mundo real quanto no mundo virtual. Sendo assim, é preciso que desenvolvamos habilidades para a leitura e, conseqüentemente, para exprimirmos o mundo interior e exterior.

Etimologicamente, ler é uma palavra oriunda do latim *legere*; Cunha significa ler como:

Percorrer com a vista e interpretar o que está escrito' 'receitar, prelecionar, lecionar' [...] deriv. do lat. *legenda*, fem. de *legendus* 'o que deve ser lido' [...]Do lat. tardio *lectura* 'orig. comentário' (no lat. cláss.*lectio-ōnis*)/ *lenda* sf. 'narrativa, conto, legenda (1986, p. 471).

Podemos constatar que ler pode partir do reconhecimento dos grafemas, mas não encontra seu propósito apenas a partir disso, necessita da interpretação, da assimilação e compreensão a respeito daquilo que nossos olhos percorreram, ou seja, sobre o que nós lemos. Para Foucault: "Ler significa ser questionado pelo mundo e por si mesmo, significa que certas respostas podem ser encontradas na escrita, significa ter acesso a essa escrita, significa construir uma resposta que integra parte das novas informações ao que já se é" (1994, p. 5).

Por isso é tão importante que a leitura quando introduzida na nossa jornada de construção de conhecimento venha a envolver o questionamento de contexto. A exploração do conteúdo e a formulação de ideias críticas promovem um cenário que possibilita o nosso desenvolvimento como leitor:

É importante entender que ensinar o sistema linguístico não é ensinar a ler; ensinar a ler é ensinar as próprias práticas sociais e culturais que exigem o domínio desse sistema. A atitude de ensinar seria a de desenvolver essa atitude inerente ao próprio leitor deste novo século, para quem a língua, antes de ser um instrumento de comunicação, seria um instrumento do pensamento (VIGOTSKI, 2000, p. 89).

Isso significa dizer que a correspondência grafofônica não é o suficiente para se conceber o ato de ler (ARENA, 2010a, 2010b). É necessário construir sentido e desenvolver a reflexão sobre o que

foi lido. Nesse contexto, Arena apresenta o ler como “ação de construir sentido” “agir sobre o texto”, sobre o “ato de ler”: “gostaria de destacar que evitei, até este momento, referir-me ao ensino ou aprendizagem da leitura, concentrando-me, todavia, em acentuar a expressão ensino e aprendizagem do ato de ler, considerado como prática social, histórica e cultural” (ARENA, 2010b, p. 239).

O autor parte do pressuposto de que a formação do leitor necessita de ações que possibilitem o desenvolvimento da leitura por meio da inter-relação entre relações grafofônicas e semânticas, com o objetivo de constituir o significado. Arena aponta a conduta didática tradicionalista como um dos maiores impedimentos para a formação do leitor, visto que:

A ênfase do ensino do ato de ler é colocada sobre a relação grafofônica, como se fosse o essencial a ser dominado, isolado do aspecto semântico, que seria entendido como consequência natural daquela relação, uma vez que a compreensão seria conquistada naturalmente pela verbalização (ARENA, 2010b, p. 239).

Na escola, de acordo com Arena (2010a, 2010b), criam-se didáticas para assimilarmos correspondência grafofônica, mas espera-se do aluno que a reflexão sobre o que foi lido ocorra de forma natural, como um autodidatismo, independente do sentido e, assim, a avaliação fica a cargo da pronúncia, sem que haja intencionalidade pedagógica nos momentos de construção da relação entre o que foi lido com o cotidiano. Sabemos como se diz, como se escreve, como se lê, mas não se sabemos ao certo o que significa, o que quer dizer, não se interpreta o contexto:

A importância do meio constituído pela cultura e pelas relações entre seus membros revela a necessidade de, desde o início, colocar em prática atitudes do ato de ler que indiquem para a criança a intenção clara de que ler é a ação de atribuir sentido por meio de sinais gráficos, em situações elaboradas pela cultura humana. Essas atitudes, constituintes do entorno, são vitais para a formação do leitor e são desenvolvidas nas relações com os gêneros enunciativos porque são as relações culturais que orientam os modos de ler. É importante entender que ensinar o sistema linguístico não é ensinar a ler; ensinar a ler é ensinar as próprias práticas sociais e culturais que exigem o domínio desse sistema (ARENA, 2010b, p. 242).

Podemos constatar que, assim como a oralidade, a escrita se instaurou de forma intrínseca aos espaços sociais, por isso se faz tão importante que a leitura ocorra por meio de um percurso onde se possa atribuir significado através de aproximações e vivências, observando que a compreensão é essencial para as interações sociais provindas da comunicação oral e escrita.

A hora do conto

O primeiro contato com narrativas de histórias passa a fazer parte de nossas vidas a partir da família, quando somos crianças. Esse estímulo familiar e a oralidade são inseridas de forma assistemática, segundo Abramovich (2001, p. 16-17): “primeiro contato da criança com o texto é feito oralmente, através da voz da mãe, do pai ou dos avós, contando contos de fada, trechos da Bíblia, histórias inventadas (tendo a criança ou os pais como personagem), livros atuais ou curtinhos, poemas sonoros e outros mais”.

Ao ler histórias oferecemos ao ouvinte a possibilidade de expandir seu imaginário, conhecer outros tempos, culturas e lugares, responder às suas curiosidades, instigar perguntas, lidar com os seus sentimentos e solucionar problemas, não só os contidos na história, mas também os pessoais podendo-se afirmar que as histórias humanizam quem as lê e quem as ouve.

Quando o ouvinte se identifica com os personagens, ele encontra. " [...] uma possibilidade de descobrir o mundo imenso dos conflitos, dos impasses, das soluções que todos vivemos e atravessamos" (ABRAMOVICH, 2001, p. 17).

Na escola é muito importante que essa inserção cultural ao mundo da literatura ocorra de forma sistemática, em especial, nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental:

A literatura deve fazer parte da vida da criança também na escola da pequena infância, de forma provocada, intencional, em que as situações de contato com a literatura sejam criadoras de novas necessidades de ler, de conhecer, de expressão e de se prazer por meio da relação dialógica que se estabelece com ela (SILVA; ARENA, 2012, p. 5).

Para Silva e Arena (2012), a Hora do Conto na escola é uma oportunidade para que o professor crie a necessidade da leitura na vida do pequeno leitor. Além da aproximação com os livros e histórias é possível criar a necessidade pelos livros, de desenvolver a consciência de que a relação com os livros não é passiva, mas sim dialógica, ou seja, apresenta a possibilidade de ao ouvir uma história e posteriormente ao lê-la pode-se conversar tanto com o texto quanto com o autor, como um "encontro de interlocutores", externalizar suas dúvidas encontrar compatibilidade com os personagens. Enfim, quando compreendemos que a leitura de um texto vai além do oralizar de forma correta as palavras, ou decodificar corretamente as letras, entendemos que se pode viver a leitura de forma ativa: "as crianças são, desde pequenas, capazes de estabelecer relações com o escrito de forma a questioná-lo, de fazer previsões, escolhas, de validar essas antecipações ou não e assim elaborar outras questões e outras respostas" (SILVA; ARENA, 2012, p. 8).

Para que tais finalidades sejam alcançadas no ambiente escolar é necessário planejamento, visto que a contação de história nesse âmbito não pode ser um "plano B", mas sim de uma prática educativa dependente de um sujeito-contador que possibilita a inserção ao mundo da escrita e da leitura, sendo um momento objetivo, intencional e sistemático.

Esta arte já não tem como característica apenas uma provável despreensão dos antigos contadores, que se reuniam, ao redor do fogo, ao pé da cama. Por outro lado, imprimiu-se nela uma sofisticação técnica, com detalhes que fazem diferença, como um texto mais elaborado sinteticamente, imagens visuais e paisagens sonoras nítidas, e apresenta um sujeito-contador com domínio dos recursos vocais e corporais (BUSATTO, 2006, p. 10).

Abramovich (2001), em entendimento com as ideias de Busatto (2006), afirma que quando vamos ler uma história, seja qual for, não podemos fazer isso de qualquer jeito. A escolha das histórias, o clima de envolvimento, o cenário, a interpretação do texto, devem envolver uma análise anterior para que toda a essência possa ser captada pelo narrador e passada para os ouvintes. Coelho faz a seguinte colocação:

Como toda arte, a de contar histórias também possui segredos e técnicas. Sendo uma arte que lida com matéria-prima especialíssima, a palavra, prerrogativa das criaturas humanas, depende, naturalmente, de certa tendência inata, mas pode ser desenvolvida cultivada, desde que se goste de criança e se reconheça a importância da história para elas (2001, p. 09).

A Hora do Conto é muito mais complexa do que ler para outrem, é uma atividade pedagógica complexa, que necessita preparação e planejamento e, para aplicá-la no âmbito

escolar, precisamos analisar o grupo de alunos e quais inquietações e anseios poderiam ser trabalhados por meio da história a ser escolhida. "É necessário fazer uma seleção inicial, levando em conta, entre outros fatores, o ponto de vista literário, o interesse do ouvinte, sua faixa etária, suas condições sócio-econômicas" (COELHO, 2001, p. 13). Há inúmeros fatores que nos levam à escolha de uma obra, Coelho chama a nossa atenção para considerarmos a faixa etária visto que esse fator compreende estágios emocionais "A história é um alimento da imaginação da criança e precisa ser dosada conforme sua estrutura cerebral" (COELHO, 2001, p. 14).

Dessa forma, a Hora do Conto é um momento de intencionalidade pedagógica que possibilita desenvolver inúmeras habilidades e depende da nossa dedicação como narrador ao observarmos, analisarmos, organizarmos e avaliarmos de forma contínua os melhores métodos e práticas para alcançar o objetivo constituído no planejamento previsto, buscando assimilar e promover sentido para os ouvintes.

Metodologia

Os procedimentos metodológicos da pesquisa ocorreram predominantemente pela abordagem qualitativa, a priori por meio de método misto composto de base documental, pesquisa bibliográfica, observação e intervenção no campo pedagógico.

Posteriormente a pesquisa se deu por meio da investigação qualitativa, para reconhecimento de campo, possibilitando observar, reconhecer e contextualizar a rotina estudantil e a prática docente em relação à biblioteca no campo selecionado, pois: "as ações podem ser melhor compreendidas quando são observadas no seu ambiente habitual de ocorrência, os locais têm de ser entendidos no contexto da história das instituições a quem pertencem" (BOGDAN, BIKLEN, 1991, p. 48).

Os dados foram coletados antes, durante e depois de cada intervenção foram utilizados em suportes variados: desde a observação in loco, áudios para a pesquisadora ouvir registrar o momento em que aconteceram as ações, sem utilizar diretamente esse material diretamente no texto, mas sim como material que auxilia a compreender melhor o âmbito da intervenção no espaço escolar.

Segundo Bogdan e Biklen (1991, p. 49) essa abordagem nos permite "estabelecer uma compreensão mais esclarecedora do nosso objeto de estudo" visto que "nada é trivial", garantindo que reações e transformações de percepções durante o processo de intervenção, não passem despercebidas, partindo de uma análise que não haja pré-conceitos, mas sim a formação de conceitos através de cada análise.

O trabalho também contou com suporte bibliográfico durante o seu desenvolvimento, a princípio constituído pelo Programa Residência Pedagógica, que ofertou quinzenalmente durante 11 meses, formação e preparação, por meio de oficinas e grupos de estudos mediados junto a referencial teórico, buscando embasamento para consolidar argumentações e discussões que fundamentassem a problemática do tema pesquisado, enriquecendo reflexões e conseqüentemente a pesquisa.

Além disso, o Projeto Político Pedagógico do Colégio de Aplicação da UEL foi usado como base documental, para reconhecimento institucional do ambiente de pesquisa, fornecendo informações pertinentes à contextualização da pesquisa.

A instituição onde se realizou a pesquisa foi o Colégio de Aplicação Pedagógica da UEL, Professor José Aloísio Aragão – Ensino Fundamental – Anos Iniciais, que oferta atendimento no período matutino e vespertino a alunos de 1º a 5º ano. Tinha como clientela os alunos advindos dos bairros localizados nas proximidades da UEL, além disso, incluem-se os filhos de funcionários da UEL (PARANÁ, 2016).

A biblioteca da instituição

A biblioteca da escola está localizada no corredor principal, mesmo corredor onde se encontram todas as cinco salas de aula, localiza-se entre a secretaria e a sala de materiais didáticos.

O espaço da biblioteca era maior que as outras salas da escola, mas foi reduzido, pois o espaço dividido por divisórias de PVC e para o uso de outro setor. Por exemplo, a secretaria ocupava uma pequena parte da biblioteca. Era um ambiente arejado e iluminado, possuía ventiladores e grandes janelas acortinadas. Havia duas mesas e quatro bancos mantidos ali eram distribuídos apenas quando necessário, para não dificultar a circulação pela biblioteca.

Na instituição pesquisada, a relação dos alunos com a biblioteca funcionava por meio de empréstimos que ocorriam uma vez por semana. Todas as turmas seguiam um cronograma. Dessa forma, cada turma tinha um dia específico para usar. Por exemplo, as segundas os empréstimos eram feitos pelo 1º ano, em grupos de três, as crianças se dirigiam até a biblioteca, sendo direcionadas à estante com a etiqueta que estampava a sua série, podendo-se emprestar um livro e um gibi por vez. Essa dinâmica não dava a possibilidade de utilizar a biblioteca coletivamente, visto que atendia apenas pequenos grupos, de forma rotativa. Ao fazer os empréstimos, não existia nenhum tipo de mediação pedagógica, pois não havia conversação sobre a literatura no dia de sua escolha, nem no dia de sua devolução. Segundo docentes não existia tempo para essa prática, visto que os conteúdos pré estipulados e o número de alunos sobrecarregam o planejamento. Assim sendo os empréstimos se resumiam a escolha de um livro.

Seleção de obras para realizar a hora do conto

Para intervenção na escola foram selecionadas três obras para a realização da Hora do Conto, que aconteceu uma vez por semana, com o período médio de duas horas a duas horas e meia com os 34 alunos do 4º ano, no último semestre de 2019.

A escolha das obras deu-se através de nossas vivências, por meio de observação, constatamos que a biblioteca era utilizada pelos alunos apenas por meio de mediação pedagógica e a Hora do Conto não ocorria na instituição pela dificuldade de atrelar a contação de história com os conteúdos clássicos do Ensino Fundamental dos Anos Iniciais. Surgindo assim o interesse de inserir a Hora do Conto como ferramenta interdisciplinar e aproximar os alunos do espaço da biblioteca e da literatura.

As três obras que compuseram o projeto foram "O desenho mais legal do mundo", de Kelson Oliveira, "Chapeuzinho Amarelo", de Chico Buarque e "João e Maria", conto de fadas escrito pelos irmãos Grimm. Todas as obras fazem parte do PNLD-Plano Nacional do livro e do Material Didático, sendo disponibilizadas de forma gratuita pelo poder público, de acordo com o Decreto nº 9.099, de 18 de julho de 2017.

Intervenções na hora do conto na biblioteca do Colégio Aplicação da UEL

Para ocorrer as intervenções, estruturamos o entorno para a realização do trabalho com os alunos do 4º ano em quatro aspectos: a organização espacial da biblioteca, estruturação dos planos de aulas com as obras selecionadas e as Horas do Contos e seus desdobramentos pedagógicos.

As intervenções propostas pela pesquisa foram realizadas uma vez por semana, durante o mês de novembro de 2019 e tinham o objetivo de aproximar os alunos da biblioteca e da leitura. Durante três semanas, encontramos os 34 alunos do 4º ano vespertino, por semana, com a duração entre 2 h e 2 h e meia, contando com introdução da história, leitura do conto, reflexões finais.

1ª intervenção

A primeira Hora do Conto ocorreu na primeira semana do mês de novembro, a obra que estreou a jornada foi o *Desenho Mais Legal do Mundo*. Esse livro faz parte das coleções aprovadas pela PNLD Literário do ano de 2018, trazendo a vida e as obras do artista surrealista, Joan Miró.

Essa intervenção teve como objetivos estimular a oralidade dirigida por meio da temática apresentada pela obra, oportunizando que o aluno expressasse sua opinião, argumentasse a respeito da história, que fosse estimulada a audição, a contemplação das imagens, de modo a levar à apreciação das distintas formas de arte, em especial, por meio das obras de Joan Miró.

Iniciamos a introdução do livro, junto a duas reproduções de obras de Joan Miró, *O jardim* e *O amanhecer*, impressas e plastificadas, que serviram como recurso para refletir junto às crianças sobre o surrealismo e também sobre o conteúdo da história que viria a ser contada. Demos a eles as duas reproduções das obras para que fossem analisadas e passadas para os outros colegas e dissessem o que era, houve muita especulação, apenas uma aluna tinha familiaridade com aqueles desenhos, várias teorias foram teorizadas e refutadas por eles mesmos.

A discussão percorreu aproximadamente 15 minutos. Após, retomamos o livro *Desenho Mais Legal do Mundo* para fazer a leitura e dissemos que o livro falava um pouco sobre quem fez aqueles desenhos e, talvez, pudessem descobrir seu real significado. Esse desafio trouxe euforia entre as crianças.

Enquanto a leitura ia sendo realizada, pudemos perceber que as crianças se mostraram muito atentas, tentando entender a associação entre o conto e a obra que elas viram anteriormente, além de acharem muito interessante as ilustrações, fizeram muitos questionamentos sobre a composição das imagens do livro.

Assim, nesse primeiro dia com a contação da história no espaço da biblioteca contou com duas etapas. Junto a obra, *O Desenho Mais Legal do Mundo*, do autor Kelson Oliveira, foi possível trabalhar o Surrealismo de forma que os alunos pudessem reconhecer este movimento artístico, exprimindo suas primeiras impressões e suas novas percepções após a leitura do livro.

Posteriormente, as crianças se expressaram através da produção de suas próprias esculturas de arte, usando como material, argila, espetos sem ponta, e pratos plásticos. A criatividade das crianças foi imensa, contou com muitas formas e histórias do que é que eles queriam representar, as esculturas permaneceram expostas durante uma semana ao fundo da sala de aula.

2ª intervenção

A segunda Hora do Conto ocorreu na penúltima semana do mês de novembro, a obra que deu continuidade ao projeto, *Chapeuzinho Amarelo*. Livro que também faz parte das coleções aprovadas pela PNLD Literário do ano de 2018, oportunizando o acesso ao trabalho de dois grandes artistas nacionais: Chico Buarque e Ziraldo.

Com essa obra trabalhamos os medos de forma que as crianças pudessem se expressar e trocar vivências umas com as outras, neste dia a biblioteca estava sendo usada para finalidades não pedagógicas e foi realmente uma pena, visto que as crianças aguardavam pela ida ao novo espaço, por este motivo nos organizamos na sala de aula, junto a fantoches.

Nessa intervenção foi possível constatar como as crianças se habituariam rapidamente às propostas, visto que mesmo descontentes pela Hora do Conto não ser na biblioteca se organizaram de forma ágil na sala de aula. Assim que todos se acomodaram, a turma recebeu alguns fantoches, de imediato se deu um pequeno alvoroço, as crianças queriam ver os fantoches. Após alguns minutos que manuseavam os fantoches, começamos a falar a respeito do medo de que nos rondava. Sem

precisar perguntar eles expuseram os medos deles, poucos disseram não ter medo de nada, através do diálogo foi possível perceber que as crianças têm dissociação do que é real e irreal.

Assim que terminamos de expor os medos iniciei a narração da história da Chapeuzinho Amarelo. Constatei que o jogo de palavras contido no livro trouxe alegria para a contação, pois as crianças tentavam repetir os sons, assim como a Chapeuzinho Amarelo, perdendo e encontrando vários sentidos nas palavras, brincando com os sons.

Os fantoches se mostraram ótimos estimulantes para Hora do Conto, já que no momento em que as crianças os viram já se empolgaram, em saber qual seria a história e qual personagem os fantoches representavam. Ao discutirem seus medos, foi possível perceber que as crianças têm muita facilidade em oralizar com seus colegas, alguns não se sentiram à vontade em se expressar no primeiro momento, mas quando se expressaram para os colegas fluíram melhor os seus sentimentos em relação aos medos.

3ª intervenção

O nosso último encontro junto a Hora do Conto ocorreu durante a última semana do mês de novembro, a obra que encerrou o projeto foi *João e Maria*. Como as obras anteriores esse livro também é parte das coleções aprovadas pela PNLD Literário do ano de 2018. Uma obra clássica, conhecida por todos.

Fizemos o caminho até a biblioteca em silêncio, a organização das crianças na biblioteca ocorreu de forma rápida, sem muitos conflitos. Enquanto eles se organizavam no tapete no chão, mostramos a capa do livro, sem precisar dizer nada, quase em coro, todos sabiam a história do dia, *João e Maria*. Então falaram sobre a história, o que conheciam dela: dois irmãos que quase foram comidos por uma bruxa da floresta, todos ali demonstraram gostar da história.

As crianças se mostraram muito receptivas por já conhecerem a história, depois da discussão estimulamos uma reflexão sobre a atitude do pai de João e Maria, então dei fantoches a eles, visto que percebemos o interesse por esse recurso na última hora do conto, para que expressassem seus sentimentos em relação aos personagens e aos acontecimentos, alguns deles demonstraram apatia pela intervenção, não oralizaram mesmo que por mediação, algumas outras crianças relataram a sua estrutura familiar, explicitando a falta de um ou dos dois pais.

Ainda nesse último encontro foi possível constatar que as crianças se mostraram muito empolgadas ter acontecido na biblioteca, preferiam que acontecesse ali à sala de aula, ainda questionaram se haveria mais encontros no ano seguinte.

Considerações finais

A biblioteca escolar é um instrumento pedagógico que possibilita a inserção da criança ao mundo da cultura e do conhecimento construído em sociedade e, portanto, torna-se um espaço de aprendizagem, de criação e, principalmente, promove a interação entre a criança o mundo que a rodeia, de modo a criar a necessidade pela leitura e, assim, contribuir para a formação do leitor.

No contato inicial com o Colégio Aplicação da UEL, instituição pesquisada, constatamos que a biblioteca era usada apenas uma vez na semana pelos alunos que iam individualmente até lá apenas para selecionar um livro para empréstimo. Não havia interação em sala de aula com a leitura que os alunos realizavam por meio do empréstimo e nem na Hora do Conto.

Diante desse quadro, buscamos trazer a Hora do Conto para a biblioteca escolar como instrumento pedagógico na ação em prol da leitura, pois o papel da biblioteca não se restringe apenas a empréstimos e devoluções, mas se transforma num espaço de expressão, discussão, integração

sistemática e pedagógica, como foi possível constatar a partir do desenvolvimento das intervenções na instituição selecionada, visando à formação do leitor do 4º ano do Ensino Fundamental.

Para a organizar a Hora de Conto e ação na biblioteca do Aplicação, a priori, foi necessário desde a observação e contato com o cotidiano da instituição em comunhão com o suporte teórico e bibliográfico que contribuiu para estruturação das intervenções, de forma que atendessem ao grupo identitário da turma do 4º ano.

As intervenções foram inseridas na rotina das crianças visando à aproximação deles com a leitura por meio da Hora do Conto em concomitância com o uso da biblioteca, pois na investigação foi possível constatar que as ações pedagógicas em prol da leitura deixavam a desejar, não havia o contato sistemático daquela turma com a leitura, nem diálogo acerca do que se leu e, menos ainda, o uso sistemático da biblioteca, aspectos fundamentais na construção de estratégias de leitura na escola. Desse modo, foram organizadas três Horas do Conto, com três obras distintas, uma obra por semana.

A primeira Hora do Conto foi junto ao livro *O Desenho Mais Legal do Mundo* do autor Kelson Oliveira. Esse livro tratava de obras artísticas e seus autores, por isso necessitamos de dois dias para a conclusão da atividade proposta. No primeiro dia houve a contação da história no espaço da biblioteca e o segundo dia com a expressão artística dos alunos, que produziram suas próprias esculturas, usando como material, argila, espetos sem ponta, e pratos plásticos.

No nosso segundo encontro a obra escolhida foi *Chapeuzinho Amarelo*, de autoria de Chico Buarque, com essa obra trabalhamos os medos de forma que as crianças pudessem se expressar e trocar vivências umas com as outras. Naquele dia a biblioteca estava sendo usada para finalidades não pedagógicas e foi realmente uma pena, visto que as crianças aguardavam pela ida ao novo espaço, por este motivo nos organizamos na sala de aula, junto a fantoches.

Nessa intervenção foi possível constatar como as crianças se habituam rapidamente às propostas visto que, mesmo descontentes pela Hora do Conto não ser na biblioteca, se organizaram de forma ágil na sala de aula. As crianças se empolgaram logo no início ao verem os fantoches, de maneira orgânica se autoquestionaram com intuito de descobrir qual seria a história do dia e quais personagens cada fantoche representava. As crianças mostraram muita facilidade ao discutirem seus medos com os colegas, alguns dos alunos expressaram-se de forma sucinta no primeiro momento, mas ao se expressarem para os colegas fluíram melhor os seus sentimentos em relação aos medos.

No último encontro utilizamos o livro *João e Maria*, um clássico. O foco desse encontro foi trabalhar o abandono paterno, infelizmente uma questão muito comum, os fantoches foram utilizados novamente para esta intervenção. O assunto do abandono se mostrou mais delicado para algumas crianças do que para outras, enquanto umas se mostraram apáticas outras interagiram de forma tranquila. Os *feedbacks* foram muito positivos, tanto das crianças quanto da professora da turma, e de alguns outros funcionários que acompanharam todo o processo, as crianças chegaram a questionar se haveria mais encontros no decorrer dos próximos meses.

Por meio dessa pesquisa foi possível compreender a importância de a biblioteca escolar e Hora do conto na organização escolar com a finalidade de se promover a leitura, de se formar leitores, especialmente, nos Anos Iniciais do Ensino do Fundamental. Concluindo-se através disso que a Hora do Conto é capaz de gerar envolvimento dos alunos nas atividades e temáticas propostas e que o exercício da oralidade e expressões individuais e culturais instigam o desejo pelos livros e conseqüentemente pela literatura.

Referências

ABRAMOVICH, Fanny. *Literatura infantil: gostosuras e bobices*. São Paulo: Scipione, 2001.

ARENA, Dagoberto Buim. A literatura infantil como produção cultural e como instrumento de iniciação da criança no mundo da cultura. *In: SOUZA, R. J. et al. Ler e compreender: estratégias de leitura.* Campinas: Mercado de Letras, 2010. p. 13-44.

ARENA, Dagoberto Buim. O ensino da ação de ler e suas contradições *Ensino em Revista*, Uberlândia, v. 17, n. 1, p. 237-247, 2010b.

BOGDAN, Roberto C.; BIKLEN, Sari Knopp. *Investigação qualitativa em educação.* Trad. M. J. Alvarez, S. B. Santos e T. M. Baptista. Porto Editora, 1991.

BUSATTO, C. *A arte de contar histórias no século XXI.* 2 ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2006

COELHO, Betty. *Contar histórias: uma arte sem idade.* São Paulo: Ática, 2001.

CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa.* Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

FOUCAMBERT, Jean. *A leitura em questão.* Porto Alegre: Artmed, 1994.

PARANÁ. Colégio de Aplicação Pedagógica da UEL Professor José Aloísio Aragão Educação Infantil, Ensino Fundamental, Médio e Profissional. *Projeto Político Pedagógico.* Londrina, 2016.

SILVA, Greice Ferreira da; ARENA, Dagoberto Buim. O pequeno leitor e o processo de mediação de leitura literária. *Revista Álabe*, São Paulo, n. 6, p. 1-14, 2012.

VIGOTSKI, L. S. *A construção do pensamento e da linguagem.* São Paulo: Martins Fontes, 2000.

Sobre as autoras

Heloísa Mascarenhas Gomes. Graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual de Londrina.
E-mail: helomasgomes@gmail.com.

Rovilson José da Silva. Doutorado Sanduíche em Educação pela UNESP/Campus Marília-SP e UAB / Universidade Autônoma de Barcelona/ Espanha. Pós-doutorado em Ciência da Informação (UNESP/Marília). Mestre em Letras, área de Literatura e Ensino, e Graduação em Letras Vernáculas pela Universidade Estadual de Londrina. Vencedor do Prêmio VivaLeitura de 2008, categoria 2 – escolas públicas. Atualmente é Professor Adjunto D do Departamento de Educação/UEL. É líder do grupo de pesquisa Leitura, biblioteca escolar e mediação pedagógica. Coordena o projeto de pesquisa Mediação pedagógica da leitura nas bibliotecas escolares da rede municipal de ensino de Londrina, além de coordenar o projeto de extensão Formação do mediador de leitura da rede pública de educação. É editor da revista Educação em Análise, do departamento de educação da UEL. Tem experiência nas áreas de Letras, Educação e Ciência da Informação, atuando principalmente nos seguintes temas: leitura, literatura infantojuvenil, formação de leitores, formação do mediador de leitura; biblioteca escolar; formação de professores e didática da língua portuguesa para os Anos Iniciais do Ensino Fundamental.

E-mail: rovilson@uel.br.